

LINGUAGEN'S, LÍNGUA'S E GESTO'S

Pâmela do Socorro da Silva Matos¹

José Anchieta de Oliveira Bentes²

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva³

RESUMO

O objetivo deste artigo é conceituar a linguagem, língua e os gestos. Sabe-se que no conceito da “língua”, ela é viva, heterogênea e junto da sociedade e dos falantes tornam-nas inconstantes, porém, há um grupo que não divide somente desta “prática ideológica”, pois usam outras formas de linguagens, entre eles, os Gestos. O seu papel enquanto produto da linguagem, no entanto não é muito discutido nos dias atuais e este artigo visa apresentar a sua contribuição ocultamente presente em nosso meio de comunicação. Já, no conceito da língua, conceituaremos sua diferença na linguagem, baseando das idéias de seus principais doutrinadores e estudiosos numa visão mais abrangente. Para tal elaboração, o presente artigo embasa-se teoricamente nos autores Correa (2007), Saussure (2012), Cunha (2008), Lyons (1981), Goldfeld (2002), Chomsky (1985), Bakhtin (2004), Crystal (2000), Adriano (2010), Quadros (1997), Teixeira e Freitas (2014), Vilhalva (2009), Guiraud (1980).

Palavras-chave: Linguagens. Gestos. Fala. Língua.

IDIOMS, LANGUAGES, AND GESTURES

ABSTRACT

The aim of this article is to conceptualize idiom, language, and gestures. It is known that within the concept of “language” it is dynamic, heterogeneous, and, in conjunction with society and speakers, becomes variable. However, there is a group that does not solely adhere to this “ideological practice” as they employ other forms of Idioms, including gestures. The role of gestures as a product of idiom, however, is not extensively discussed in contemporary times. This article seeks to present their contribution, subtly present in our communication environment. In the concept of the language, we will define its difference in idiom Idioms, based on the ideas of its main theorists and scholars in a broader perspective. For this development, the present article is theoretically grounded in the works of authors such as Correa (2007), Saussure (2012), Cunha (2008), Lyons (1981), Goldfeld (2002), Chomsky (1985), Bakhtin (2004), Crystal (2000), Adriano (2010), Quadros (1997), Teixeira and Freitas (2014), Vilhalva (2009), and Guiraud (1980).

Keywords: Idioms. Gestures. Speak. Language.

Data de submissão: 10. 05. 2022

Data de aprovação: 13. 09. 2023

INTRODUÇÃO

Este artigo discutirá conceitos da linguagem e seus produtos: língua e os gestos. Há grande necessidade em criar-se uma discussão acerca de cada terminologia e seus respectivos conceitos, pois, nossa sociedade precisa- se conscientizar das novas formas de linguagem

¹ Mestre em Educação, professora na Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: pamelamatos.surda@gmail.com

² Doutor em Educação Especial, professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

³ Doutora em Linguística, Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. E-mail: cardoso_socorro@yahoo.com.br

assim, este trabalho tem a finalidade de não somente conceituar linguagem/língua, como também apresentar aos leitores uma realidade linguística de nossa sociedade brasileira – Os gestos. O aparecimento de um indivíduo surdo ou até mesmo um grupo social que utilizam estes meios de comunicação (Gestos), influencia o sistema linguístico estruturante, transformando todo o código no sentido de criar novos “olhares” e conceitos acerca do mesmo. A língua é viva? Sim! Heterogênea? Sim! Junto com a sociedade e os falantes da língua, ela torna-se inconstantes? Sim! Gestos? Fazem parte do mesmo fenômeno, de um determinado grupo social. Infelizmente o conceito de língua e sua diferença em termos da linguagem não encaixa profundamente a importância dos gestos como parte dela, provocando assim a necessidade conceitual da linguística. Neste artigo iremos trabalhar os referidos conceitos e distinções entre linguagem e língua. E, por fim, um conceito sobre os gestos e seu papel enquanto meio de comunicação de indivíduos surdos e ouvintes, destacaremos também o conceito a abordagem comunicativa nos estudos apurados de Chomsky que relaciona-se o processo de aquisição da linguagem das crianças surdas e Saussure que embasa tal conceito como fenômeno da natureza. Todos nós enquanto seres humanos, nativos de um determinado ambiente, estamos inseridos em fazer o uso da linguagem à nossa própria maneira de se comunicar, de acordo com tudo em nossa volta, pois em nossa sociedade não há uma língua padrão e, dessa forma, possibilita-se uma pluralidade de comunicação social.

1 A LINGUAGEM

A distinção entre linguagem e língua foi estabelecida a partir dos estudos de Saussure em 1916. Ele é considerado o fundador da linguística e foi a partir de seus estudos que a linguística foi reconhecida como ciência. Assim, consideraremos as definições desses termos: como elas se diferenciam e como elas estão interligadas.

O termo linguagem e seu conceito na Língua Portuguesa têm sido muito discutidos quando pensamos em seu significado ao traduzi-lo a partir de outras línguas.

Para citarmos um exemplo, tomemos a obra de Lyons (1987), *Língua(gem) e Linguística*. Na dúvida em traduzir a palavra inglesa *language*, o tradutor optou em colocar entre parênteses o sufixo ‘gem’, com o intuito de assumir a ambiguidade da palavra e sua dificuldade em identificar se o texto original se referia à língua (*langue*), ou à linguagem (*language*). Isso é perfeitamente compreensível quando os valores de nossas ações e trabalhos serão avaliados por uma classe crítica e atenta. O tradutor não poderia incorrer no erro de não apresentar o duplo sentido da palavra inglesa a ser traduzida (CORREA, 2007, p. 7).

Correa (2007) mostra que para traduzir a palavra *language* da língua inglesa para Língua Portuguesa, ocorreu um problema de ambiguidade do termo, ocasionando dois conceitos distintos, o de língua e o de linguagem. É importante tratarmos dessas diferenças terminológicas para compreendermos os devidos aspectos que serão analisados nesta pesquisa.

Saussure expõe essas diferenças mostrando que a língua não pode se confundir com a linguagem. A linguagem tem várias formas e não tem um sistema gramatical próprio. Ela é “ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (SAUSSURE, 2012, p. 41). É comum esse termo ser usado para um sentido mais amplo, ou seja, pode se referir a qualquer processo de comunicação.

Os linguistas entendem que a linguagem é uma “habilidade, [...] a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas” (CUNHA et. al., 2008, p. 16). Desta forma, a linguagem é todo tipo ou forma de comunicação que usamos para

transmitir uma mensagem, unilateralmente ou bilateralmente, isto é, ao interagirmos em sociedade ou apenas para transmitir algo, incluindo os gestos, a mímica, a música, a dança, o teatro e outras.

Para Saussure (2012), o objeto de estudo da linguística – a língua – não pode ser exclusivo e estudado individualmente, pois, a língua e/ou a linguagem se relacionam com outras ciências, como a Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia, Semiologia, etc.

Segundo o autor, a língua “é somente uma parte essencial dela, [da linguagem] [...]. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Assim, a língua não é inata. Ela é adquirida à medida que o indivíduo convive em sociedade com outros indivíduos que se comunicam. E este autor complementa que a língua “é um todo por si e um princípio de classificação. [...] constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instituto natural em vez de adiantar-se a ele” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

A língua é um sistema gramatical e não está completa em apenas um indivíduo, mas está “nos cérebros dum conjunto de indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 45). Portanto, esse sistema gramatical só é adquirido pela prática social da fala, o que é individual psicológico e ao mesmo tempo fisiológico. A língua é um sistema que não pode ser modificado e nem criado, pois ela já foi estabelecida conforme as suas regras e seu uso dentro de uma sociedade. O seu uso não pode ser interrompido para a criação de outro sistema, mas ela pode ser preservada à medida que um indivíduo compreenda seus signos. “Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é homogênea” (SAUSSURE, 2012, p. 46).

Avançando nessa distinção ou tentativa de estabelecer um conceito, Lyons (1981, p. 2) observa que “filósofos, psicólogos e linguistas frequentemente salientam que é a posse da linguagem o que mais claramente distingue o homem dos outros animais”. Esse autor destaca algumas definições sobre linguagem e/ou língua feitas por alguns pesquisadores:

- 1) Sapir (1929, p. 8) diz que: A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicar ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos;
- 2) Bloch e Trager (1942, p. 5) escreveram: “Uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social co-opera”;
- 3) Hall (1968, p. 158) nos diz que a lingua(gem) é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados;
- 4) Robins (1979, p. 9-14) não oferece uma definição formal de língua(gem); com razão ele aponta que tais definições tendem a ser triviais e a não trazer grande informação, a menos que pressuponham [...] alguma teoria geral da linguagem e da análise linguística. [...] o autor ressalta que as línguas são sistemas de símbolos... quase totalmente baseados em convenções puras ou arbitrárias, enfatizando, contudo, sua flexibilidade e adaptabilidade;
- 5) a última definição a ser citada aqui aborda um campo muito diferente; “Doravante considerarei uma língua(gem) como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”. Tal definição foi tirada de *Syntactic Structures* de Chomsky (1957, p. 13) (LYONS, 1981, p. 3-6).

No primeiro conceito o autor diz, de maneira genérica, que a linguagem é humana e simbólica; no segundo conceito, a língua é simbólica e arbitrária; no terceiro, tanto a língua quanto a linguagem podem ser arbitrárias e orais auditivas; no quarto, a linguagem é um sistema de símbolos, é convencional e arbitrária; na quinta, é possível dizer que ambas são

compostas por sentenças. Nessa breve enumeração de conceitos que entram em contradição um com o outro, Lyons nos mostra o quanto essa distinção ou essa semelhança entre os termos é complexa.

Goldfeld (2002) esclarece os conceitos de língua, linguagem no contexto de surdez, especificamente:

Língua (Saussure) – sistema de regras abstratas composto por elementos significativos inter-relacionados.

Língua (Bakhtin) – sistema semiótico criado e produzido no contexto social e dialógico, servindo como elo de ligação entre o psiquismo e a ideologia.

Linguagem – códigos que envolvem significação não precisando abranger necessariamente uma língua (GOLDFELD, 2002, p. 25).

Precisamos fazer uma opção diante desses conceitos: utilizaremos o termo língua – Língua de sinais – para nos referir a formas estabelecidas, estabilizadas, convencionalizadas em um dicionário ou enciclopédia. E linguagem para as formas ainda não estabilizadas, não convencionalizadas. No caso, os gestos serão aqui considerados como uma forma de linguagem.

2 LÍNGUA – INSTRUMENTO DA FALA

A linguagem é organizada a partir de um sistema de signos (ou outras formas de linguagens) que fazem parte da comunicação social. Nesse sentido, a língua é um conjunto de códigos e signos combinados através de regras que transmite mensagens entre o emissor e receptor. A língua é um sistema abstrato, social e virtual. Ela também é própria de um povo. O seu estudo foi proposto no século XX por Saussure como ciência autônoma estudada pela linguística.

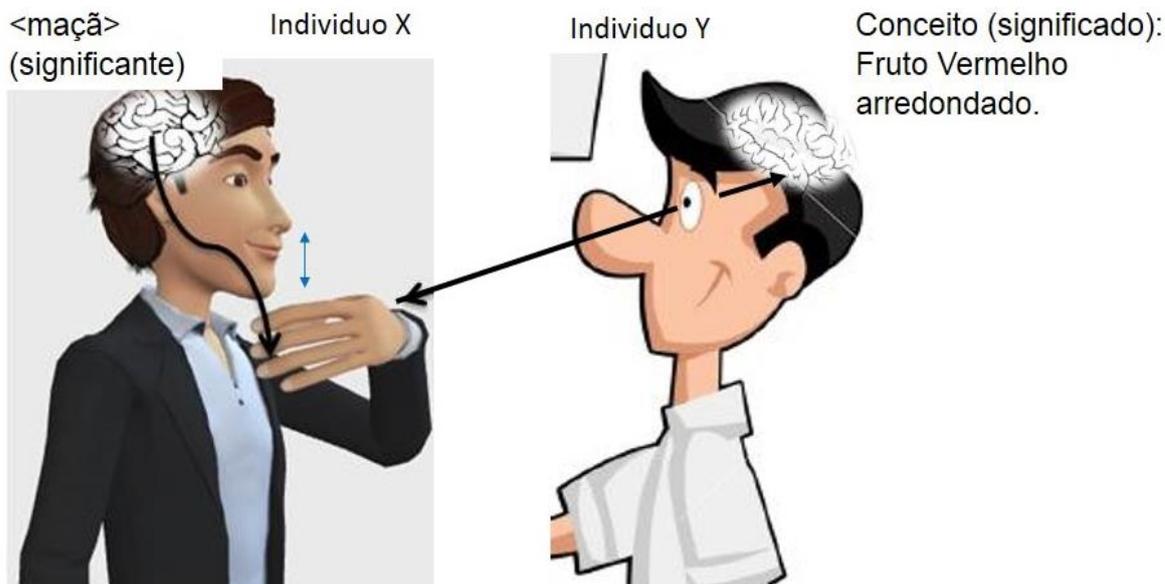
Segundo Chomsky (1985), a língua possui sua estrutura dinâmica e, constitui-se de um conjunto de regras. O papel da linguística nesse sentido tem um caráter homogêneo. O falante possui um conjunto de regras que faz criar infinitas sentenças e todos nós já nascemos com a capacidade de adquirir uma língua que é inata, de forma a compreender todas as frases da língua.

Nesses contextos, Saussure (2012) dicotomiza além da língua e linguagem a língua e a fala, segundo o autor, a fala é um fenômeno individual enquanto que a língua um fenômeno social. No entanto, elas se relacionam entre si.

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º - as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º - o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 2012, p. 45).

Saussure ainda afirma que língua “é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc.” (SAUSSURE, 2012, p. 47). Portanto, para Saussure, língua é código e fala é uma forma de expressão, que utiliza esses códigos.

No caso das línguas de sinais que são de modalidade espacial-visual podemos entender da seguinte forma: O conceito suscita no cérebro do indivíduo X, sendo um fenômeno psíquico, o cérebro transmite aos membros superiores um impulso relacionado com a imagem, outro processo fisiológico; a produção dos movimentos é transmitida ao indivíduo Y, processo físico. Da visão ao cérebro, com a transmissão fisiológica da mensagem espacial e visual; e, no cérebro é associada de maneira psíquica a imagem ao conceito. Esse circuito pode ser representado da seguinte forma, na imagem 1:

Imagem 1 - Circuito da fala nas línguas de sinais.

Fonte: Elaboração própria. Imagens capturadas do <https://www.google.com.br/search>.

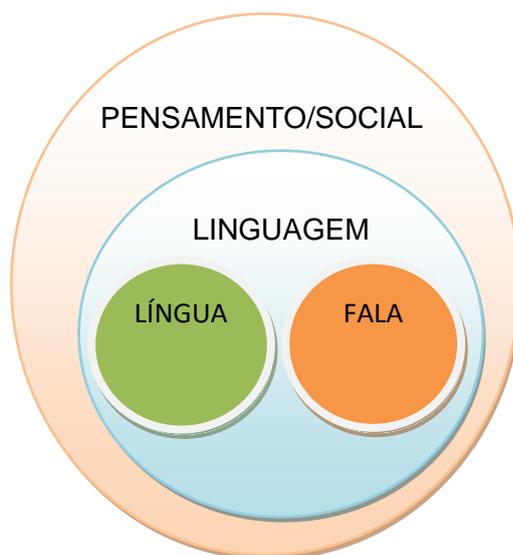
O exemplo dado acima é abstrato se compararmos com o que realmente acontece na vida real que é a produção de enunciados, como por exemplo <ontem eu comer maçã>. O indivíduo X emite uma mensagem por meio do movimento das mãos que são os sinais na Língua Brasileira de Sinais - Libras, <maçã> e <comer>. O indivíduo Y relaciona esses dois símbolos imagéticos, acionando a input psicológico pré-adquirido da libras, compreendendo o conceito de maçã que se trata de uma fruta vermelha, arredondada e que serve para alimento.

Segundo Goldfeld (2002), citando Bakhtin (1990) diz que o autor considera língua um:

Elo de ligação entre o psiquismo e a ideologia, que formam uma relação dialética indissolúvel. A consciência necessita de ideologia para desenvolver-se; por outro lado, a ideologia é criada com base nas relações entre indivíduos. A língua (o diálogo) é o instrumento que permite ao indivíduo receber a ideologia de sua comunidade e também lhe permite atuar nessa comunidade interagindo e expondo suas ideias. (BAKHTIN, 1990, apud GOLDFELD, 2002, p. 20).

Saussure (2012) separa os conceitos de língua e fala, porém, acredita que língua e fala tem interdependência uma da outra, e que, porém, isso não impede que elas sejam distintas. Ao analisarmos o conceito de Bahktin a respeito de fala observamos uma diferença, ele afirma que é através da língua que produzimos a fala, elas são, portanto, indissociáveis. “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar” (BAKHTIN, 2004, p. 108).

Na imagem 2 podemos observar o gráfico que mostra que língua e fala são específicas, mas que se relacionam uma com a outra. Elas fazem parte do processo da linguagem, sendo que a linguagem está relacionada com o pensamento e a interação social.

Imagem 2 - Organização do pensamento e da linguagem.

Fonte: Elaboração própria.

Elaboramos o quadro 1 que expõe a diferença entre língua e fala. Observamos que no campo idioma – no caso da Libras – sua fala compõe tanto a modalidade visual espacial quanto a gestual. Os gestos, conteúdo do próximo capítulo, mostra-se que é uma forma de linguagem, uma variação, quando usados juntamente com a Libras são ancorados à língua. Eles estão presentes também em outras formas de comunicação como na dança, na música, no teatro, etc.; bem como na própria Língua Portuguesa.

Tabela 1 - Conceituando língua e fala.

LÍNGUA	FALA
IDIOMA	MODALIDADE
Português	Oral
Libras	Gestual/ visual espacial

Fonte: elaboração própria.

De acordo com o quadro acima vemos que os gestos fazem parte da fala, pois eles são usados de acordo com o meio social e o momento histórico, eles formam um sistema semiótico que servem para comunicar. Ao mesmo tempo em que os gestos são uma forma de linguagem eles podem ser considerados como língua no estágio inicial, pois eles se estruturam a medida que são criados no contexto social e dialógico em que o indivíduo está inserido. Esse fenômeno pode ser exemplificado pelo que Goldfeld (2002) destacou ao falar sobre língua:

As diferentes sociedades criam especificidades linguísticas diferentes, de acordo com suas necessidades. Temos exemplos clássicos como: os índios que vivem na selva e nomeiam a cor verde de diversos nomes, dependendo da tonalidade das plantas. Os esquimós que possuem diversas palavras para denominar a cor branca da água em estado sólido (GOLDFELD, 2002, p. 51).

Assim, podemos compreender essa afirmação por relacionar com a realização dos gestos durante uma narrativa ou na criação deles no seio familiar, o meio social pertencente aos surdos que, por algum motivo, não adquiriram a libras, no que concernem as teorias da aquisição da linguagem. De acordo com as necessidades dos sujeitos – esses que fazem parte do contexto escolar – os gestos são criados como subterfúgios para a comunicação, signos

linguísticos que podem sofrer variações de acordo com o meio social. A família de um surdo pode usar gestos que outra família de outro surdo não usa e vice-versa.

3 GESTO'S – VARIAÇÕES DE SINAIS

A linguística dentre outras finalidades, estuda a variação da fala, escrita e formas de linguagens. No Brasil, o modo como às pessoas fala identificam-se através de um povo, da diversidade cultural, linguística e principalmente pela variação linguística em nosso país.

O papel da sociologia nesse contexto é fundamental, pois, além de estudar as variações lexicais, fonológicas, fonéticas, morfológicas e sintáticas das línguas, busca entender as suas relações com o meio social. Segundo ela, as pessoas falam diferente umas das outras porque são/é de um povo diferente, nesse sentido, insiro um determinado povo, que almejam de uma cultura e identidades únicas, no que tange a influência de seu desenvolvimento linguístico. Daí, as *formas faladas* por esse grupo social (ou individual) muitas vezes são classificadas equivocadamente como adequada ou inadequada.

Vale lembrar que a função e o objetivo da linguística é estudar o que provoca a mudança dos sistemas linguísticos dentro de suas *variações*.

Completando este conceito, cito os gestos, um meio de comunicação bastante presente na comunicação social, estes, quando emergem de falantes surdos são estimulados através do convívio social, a priori dentro de casa junto com os membros de sua família. Os pais começam a usar os gestos comuns entre os falantes do português oral, por exemplo, “beber”, que pode significar “água” no estágio inicial da infância, “comer”, e gestos de apontação, “lá”, “ele/ela”. Enfim, outros gestos vão sendo “ensinados” à medida que a criança surda vai adquirindo experiências visuais, daí ela passa a produzir seus próprios gestos com base nessas experiências. Elas estão sendo expostas a uma forma de língua em estágio inicial para se comunicar. E mais tarde quando, ou se forem expostas à língua de sinais oficial do país, os sinais complementarão esses gestos, passando da forma inicial para a forma completa, estruturada de acordo com as regras gramaticais exigidas por ela. Goldfeld (2002) ao destacar Vygotsky diz que:

o adulto, além de estimular a comunicação da criança, estimula seu desenvolvimento intelectual, ajudando-a nas tarefas que ela ainda não realiza sozinha. O início do desenvolvimento cognitivo, como pontua Vygotsky, é interpsíquico, ou seja, surge da relação entre o psiquismo do adulto e da criança (GOLDFELD, 2002, p. 58-59).

No Brasil a Libras foi reconhecida como língua oficial da comunidade surda através da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e regulamentada pelo decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005). Alguns sinais da Libras já haviam sido registrados em enciclopédias e pequenos dicionários antes desses dispositivos legais. Por exemplo, o mais conhecido, o dicionário “Linguagens das mãos”, do Padre americano Eugênio Oates, teve sua primeira edição no Brasil, ano de 1969, estando no ano de 2015 em sua 20ª edição.

A partir da Lei da Libras os registros foram ficando mais numerosos, e mais pesquisadores se interessaram por analisar mais profundamente e registrar outros léxicos da Libras. O dicionário publicado mais conhecido é o “Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira” (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001), e a mais recente publicação é o “Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Da Língua De Sinais Brasileira”, (CAPOVILLA, et. al. 2013).

Essa oficialização decorreu principalmente do reconhecimento das línguas de sinais – como a *American sign language* (ASL) – nos Estados Unidos e a Libras, no Brasil – como línguas pela linguística e o progresso das pesquisas deram um *status* a elas.

E, é de grande importância investigações e pesquisas que foram feitas por todo o mundo com o passar dos anos. Por outro lado, é importante reconhecer que muitos gestos que são usados pela comunidade surda não estão registrados nos dicionários e enciclopédias existentes.

Cabe a nós levarmos em consideração que os gestos produzidos em um meio social, dentro da família, escola, trabalho, etc.

O termo convencional utilizado foi no sentido mais geral de “qualquer prática aceita no uso da língua” (CRYSTAL, 2000, p, 68). Explicando melhor: um termo da Libras é convencional, quando está posto em um dicionário e/ou enciclopédia. Um termo, um gesto, é “não convencional” quando não está posto em um dicionário e/ou enciclopédia. Esse é o caso dos chamados “sinais caseiros” e “sinais emergentes”, aqui tratados.

Os “sinais caseiros” são sinais criados no meio familiar onde há uma criança surda, filha de pais ouvintes. Essa situação é comum, pois, nem sempre eles são conhecedores da Libras – tanto pais ouvintes, quanto filhos surdos – e os filhos surdos não conhecem a língua oral de seus pais. Assim, a ausência da Libras acarreta à necessidade de criação de sinais emergenciais, no caso os gestos, para que a comunicação seja estabelecida.

Os gestos são também chamados de “sinais caseiros” e “sinais emergentes” e se relacionam com a Libras. Os “sinais caseiros” e os “sinais emergentes” são considerados não convencionalizados, são uma espécie de *variação do sinal*; da Libras. Os sinais da Libras seriam convencionalizados – uma vez que estão registrados em dicionários e/ou enciclopédias ilustradas – e os gestos, em relação aos primeiros, não convencionalizados.

De uma forma ampla, são variações dos “sinais”, os “sinais caseiros” não são convencionalizados, como afirma Adriano (2010):

Esses sinais não são repassados de geração a geração, eles surgem motivados pela necessidade comunicativa existente entre os membros da família, são compartilhados por um número restrito de pessoas (mais especificamente, membros de uma mesma família) e não são convencionalizados na comunidade surda de um modo geral (ADRIANO, 2010, p. 34).

As crianças ouvintes e surdas no período pré-linguístico começam a balbuciar, e esse balbucio se dá de forma vocal ou gestual. Quando elas são expostas a uma língua esses balbucios tendem a ser interrompidos, as ouvintes param de gesticular e as surdas, segundo as pesquisas de Quadros (1997) param de vocalizar, por conta do *input* que favorece a modalidade da língua que elas irão desenvolver daquele momento em diante – uma vez que a pesquisa de Quadros foi feita com filhos surdos de pais surdos, favorecendo este *input*.

Entretanto, ao analisar as ocorrências de balbucios (vocal e gestual) em bebês ouvintes e surdos. Quadros (1997) conclui que:

As semelhanças encontradas na sistematização das duas formas de balbuciar sugerem haver no ser humano uma capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual (QUADROS, 1997, p. 71).

Os surdos que são desprovidos desse *input* continuam usando os gestos semelhantes aqueles do período pré-linguístico – apontações – como meio de se comunicar com seus familiares.

Os sinais utilizados, portanto, podem ser dêiticos – apontações – refletindo a forma do objeto, mas também demonstrando essa abstração. Outro meio usado em conformidade com os gestos corporais são as expressões faciais, que podem indicar felicidade, tristeza, frustração, etc. Eles estão presentes apenas no momento presente para comunicação, com

dificuldade de relatar acontecimentos passados. Longe de serem simples mímicas ou os simples gestos. Teixeira e Freitas (2014) afirmam que:

[...] os sinais caseiros longe de serem algum tipo de linguagem em sentido lato – pantomima, mímica, gestos –, são, antes, produto da faculdade da linguagem, a qual permite ao homem construir seu próprio sistema linguístico. Isso significa que, mesmo com toda escassez de estímulo – considerado aqui do ponto de vista linguístico –, o surdo consegue construir sua língua, todavia quando tem possibilidade de interagir com o ambiente e com as pessoas ao seu redor (TEIXEIRA; FREITAS, 2014, p. 5).

Com isso, essa comunicação é garantida ao surdo na sua relação social com a família. Os “sinais caseiros” são um sistema linguístico complexo criado principalmente para a comunicação entre a criança surda e seus familiares ouvintes.

Os “sinais emergentes” e os “sinais caseiros” são partes dos gestos que surgiram devido à necessidade de comunicação entre sujeitos fora do ambiente familiar e são transferidos para parentes e surdos pertencentes a uma mesma comunidade. Essa comunidade pode ser escolar, entre professores e colegas ouvintes. Os surdos levam os gestos criados no seio familiar e desses é selecionado um gesto e assim este passa a ser utilizado para comunicação entre seus pares.

Vilhalva (2009) em sua pesquisa com os surdos indígenas do Mato Grosso do Sul faz um mapeamento dos “sinais emergentes” usados pela comunidade indígena surda. Mostra que esses “sinais emergentes” são estabelecidos pelas famílias ouvintes com seus filhos surdos e também compartilhados pela comunidade, mas tendem ser esquecidos quando as crianças surdas começam a frequentar as escolas onde é usada a Língua Brasileira de Sinais, por conta do contato que eles têm com o intérprete e professores.

Já os surdos acima de vinte anos de idade preferem se comunicar com seus “sinais emergentes” como forma de preservar a cultura e o saber do surdo indígena. Diante desse quadro, os “sinais emergentes” são sinais que ocorrem nas famílias com necessidade de se comunicar e estes são usados entre os surdos indígenas, porém, ainda não são considerados como “língua oficial” com registro (VILHALVA, 2009).

No campo da linguagem os gestos ocupam seu espaço como forma de comunicação humana. Nas línguas de sinais esses conceitos passam a ser considerados de maneira diferenciada. Goldfeld (2002) diz que “na área da surdez, em alguns contextos, esses termos ganham conotações diferentes das utilizadas usualmente em outras áreas de conhecimento” (GOLDFELD, 2002, p. 18). Muitos pesquisadores consideram a Língua de Sinais como línguas de fato por apresentarem uma estrutura própria, como mostrou a pesquisa de Stokoe (1960) bem como a pesquisadora brasileira Quadros (2004).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que os estudos acerca da linguagem mostram que ela é uma atividade humana universal realizada individualmente, e, pode ser universal, histórica e também individual. Trata-se de assuntos relacionados da fala à *língua*.

A *linguagem* desenvolve o pensamento e instrumento de comunicação, no intuito maior de formar a interação social, já a *língua*, que por sua vez, existe para haver comunicação e um conjunto de regras infinitas sobre ela que é parte da linguística – ciência que estuda a linguagem.

E os *gestos*? Estes compõem uma forma de comunicação particular e que é desenvolvida naturalmente, pois Saussure diz que a “linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Portanto, os gestos são tão complexos quanto uma língua. Eles são usados para comunicar e transmitir uma mensagem, entretanto, podendo ter regras e exigências gramaticais tal qual um sistema linguístico. Muitos desses gestos são “espontâneos mais ou menos inconscientes [são] sistemas estruturados e organizados que extraem seu sentido exatamente de suas relações no seio dessa estrutura” (GUIRAUD, 1980, p.5-6).

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, N. A. **Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos**. [Dissertação] Florianópolis, SC, 2010.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Editora Hucitec São Paulo, 2004.
- CHOMSKY, N. **Aspectos da Teoria Sintática**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CORREA, R. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis - SC, 2007.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística**. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org). Manual de linguística. São Paulo, contexto, 2008.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª edição – São Paulo – Plexus Editora, 2002.
- GUIRAUD, P. **A linguagem do corpo**. Presses Universitaires de France, 1980. Título original em francês: *Le langage du corps*. Coleção “Que sais-je?” Obra publicada com subvenção do Ministério Francês da cultura e da comunicação. Editora Ática S.A., São Paulo, 1991.
- LYONS, John. **Língua(gem) e Linguística: uma introdução**. Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 1981 por Cambridge University Press, Inglaterra. LTC – Livros técnicos e científicos Editora S.A. Rio de Janeiro, 1987.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, Artmed, 1997.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- TEIXEIRA, E. R.; FREITAS, I. C. **Sinais caseiros: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e consequente aquisição da Libras e português escrito como L2**. 2014.
- VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis, SC, 2009.